

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUCÇÕES

N.º 7

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Architectura da idade media, (continuação) — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	Pag. 97
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :	
Iconographia christã — pelo sr. J. DA SILVA.....	» 100
Epigraphia, (continuação) — pelo sr. F. MARTINS SARMENTO.....	» 105
Explicação da estampa — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	» 106
Excerpto de uma publicação do sr. GABRIEL PEREIRA.....	» 107
Chronica.....	» 109
Noticiario.....	» 110
Necrologia — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	» 112

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA DA IDADE MEDIA

(Continuado do numero antecedente, pag. 88)

De todas as artes, a architectura é aquella que tem menos meios expressivos. O seu trabalho depende principalmente da materia de que se serve e de combinações mathematicas. Alem disso, opéra com menos independencia, em comparação das outras artes, sendo obrigada a fazer concessão ás circumstancias, moldando-se ás exigencias dos costumes e do clima. Todavia não se deve suppôr que julgemos principal merecimento d'um edificio a sua commodidade e conveniente divisão; ha que attender a outras condições mais superiores, as quaes devem ser observadas para elle merecer a nossa admiração.

Vitruvio, architecto do imperador Augusto, resumia em tres palavras os principios que deviam presidir á construcção de qualquer edificio. E' preciso ter em vista, dizia elle, a *utilidade* — a *solidez* — e a *belleza*. Sem duvida, em primeiro logar deve-se pensar na utilidade que terá o edificio, pois qualquer construcção deve ser perfeitamente apropriada ao seu destino; portanto, as suas distribuições serão determinadas conforme a ap-

plicação que tiver, e nunca sacrificadas a qualquer consideração de menor importancia.

Deve-se pensar em segundo logar na solidez do edificio; sendo solido tanto quanto necessario, sem se fazer despezas inuteis, empregando-se para isso os meios mais experimentados e simples. As suas formas serão diversamente desenhadas, conforme a materia em que forem executadas, marmore, pedra mais ou menos rija, ferro ou madeira.

O architecto, depois de ter preenchido estas condições, haverá concluido a sua tarefa? Ainda mesmo que observe as precedentes disposições com a intelligencia a mais profunda, se o seu talento não o elevar alem d'isto, trabalhará apenas para merecer a nossa estima; porém não terá feito ainda cousa alguma, que nos possa impressionar, que seja digna da nossa admiração, e capaz de fazer sobressair a sua reputação como artista habil e de talento. Para obter este titulo, será preciso que dê á sua obra uma qualidade mui importante, deleitar a vista; qualidade de belleza que tanto recommenda Vitruvio. Esta condição é mais difficil de se pôr em pratica, todavia é a unica que pode recommendar qualquer obra d'arte e fazer ver o merecimento do architecto.

Um monumento, para ser bello, deve-se apresentar á nossa vista com o aspecto de uniformidade e

harmonia tão indispensaveis a qualquer manifestação de belleza.

Esta lei é imposta a todos os systemas architectonicos; applicando-se mesmo ás suas transformações, não dispensa nunca esta principal condição. Os edificios construidos a intervallos distantes de tempo, sob influencias diversas de costumes e climas, apresentam-se com apparencias mui differentes, mas se os reputarmos bellos, é porque lhes encontramos as condições de *harmonia e uniformidade*. Na idade média a architectura punha na execução das suas obras mais liberdade do que a arte grega, não obstante serem muito mais complicadas as suas combinações; isso não obstava para o architecto primeiramente discutir, medir e equilibrar, a fim de agradarem á vista os differentes membros das suas construcções, bem como os detalhes da ornamentação. A basilica do VIII seculo e o templo grego não são determinados pelo mesmo systema de proporções, pois estes dois edificios não foram delineados do mesmo modo e por isso a harmonia que resulta das suas fórmãs, não é a mesma; entretanto, se se notasse qualquer desafinação de um detalhe com o todo, quer n'um quer n'outro, produziria em nós um effeito de desagradavel desarmonia, e lhe diminuiria muito o seu merecimento.

E essas variedades de combinações, nas quaes se podem achar a uniformidade e harmonia, são certamente uma vantagem para o architecto, mas tambem representam mais uma grande difficuldade que terá a vencer. Na natureza o Ente Supremo pôde variar as suas obras sem fim, offerecendo-nos o espectáculo da belleza sob os aspectos os mais diversos, n'esses seres sem numero que se offerecem cada um com um caracter differente; porém n'essas obras se reconhece que a poderosa fecundidade do Creador, com bastante admiração nossa, nunca se afasta das regras eternas estabelecidas pela sua infinita intelligencia. O homem, por um insigne privilegio, trabalhando sobre a materia, parece seguir o exemplo de Deus, talhando as suas obras na natureza physica; infelizmente, mal conhece as leis que o devem guiar n'esses seus trabalhos, não tendo nenhuma formula determinada a seguir; e esta alternativa indefinida torna o seu exito mais incerto, vindo a ser para si um grande obstaculo a vencer, e muitas vezes um escólho que não antevê! Acontecerá, pois, ter o architecto de alterar profundamente regras, que nunca devia infringir, e o que ainda é mais para sentir é muitas vezes o artista mesmo não notar esse desvio imperdoavel. O esculptor ao reproduzir a figura humana, por pouca pratica que tenha da sua profissão, descobrirá sem hesitação, em comparando a copia ao modelo, se executou qualquer desproporção incompativel com os preceitos da sua arte; em quanto o

architecto não tem por guia para as suas obras senão a sua aptidão e raciocinio baseados sobre dados, que se modificam em cada nova obra que executa: por conseguinte o merecimento mais superior n'uma composição architectural será sempre o resultado do sentimento e da inspiração do artista. O renascimento da architectura havia pretendido então estabelecer regras e formulas fixas, achava-se portanto em verdadeira contradicção com a pratica seguida na antiguidade, que tanto forcejava por imitar.

Esta independencia põe o talento do architecto em risco; alem d'isso, auctorisando-o a applicar os mais indeterminados e diversos principios, difficulta-lhe tambem muito a apreciação das obras executadas. A critica não pode exercer-se com a mesma afouteza, no exame dos edificios de tão differentes aspectos, nos quaes, todavia, se encontram as mesmas condições. As opiniões as mais contradictorias são emittidas n'este caso, não sómente sobre tal edificio em particular, porém sobre o proprio systema de architectura, considerado na sua generalidade. Não obstante estas opiniões serem divergentes, estão comtudo de accordo sobre um ponto, que precisamos estabelecer como base essencial, e todos os criticos se conformam em declarar ser a condição de harmonia e uniformidade uma regra indispensavel para haver belleza em qualquer edificação.

Um monumento não pode indicar um pensamento com a mesma clareza, que vemos n'um painel, ou n'uma estatua. Elle despertará na nossa alma unicamente sentimentos vagos, impressões confusas; entretanto, pode-se afirmar com desassombro, que comprehende uma representação, e esta representação nos dá o valor da sua belleza, pois será a manifestação do invisivel: axioma que já tive ensejo de demonstrar.

As combinações de fórmãs e de linhas, ás quaes pedimos as condições de uniformidade e harmonia, offerecem-nos, pelo caracter que assignalam no edificio, representações differentes, como são os diversos aspectos da natureza. As linhas horisontaes deixam o nosso espirito vaguear mais facilmente nas regiões d'este mundo; emquanto as linhas verticaes elevam o pensamento guiado pela vista para o infinito no espaço.

Um edificio pela sua grandeza e magnificencia pôde causar-nos impressão, como acontece contemplando-se as scenas mais encantadoras da criação. «Nunca, contemplando qualquer montanha, «diz um «distincto escriptor francez,» experimentámos um «sentimento da nossa pequenez, similhante áquelle «que nos surprehendeu admirando a cupula de «S. Pedro em Roma, da qual as paredes parecia-n «fugir da vista, e se elevavam cada vez mais, como

«arreatadas por mãos invisíveis. Foi collocando «nos ares, com uma maravilhosa grandeza, essa cúpula, que Miguel Angelo nos revelou todo o alcance do seu genio; foi-lhe preciso mover-se com «ousadia na immensidade para ser sublime.» E na verdade, a significação indicada em um edificio, pelas suas fórmulas, a linguagem que nos revela, será tão facil de comprehender, como a da natureza, fazendo-se notar de qualquer pessoa que possua um sentimento elevado, e seja susceptível de uma viva sensação.

A architectura e a musica são duas artes diferentes, porém possuem esse mesmo caracter de vago na expressão, e por conseguinte têm esse mesmo privilegio de elevar o pensamento para o infinito.

Tambem o clima do paiz onde se ergue um edificio terá sem duvida contribuido para determinar a sua physionomia e aspecto; além da significação da sua applicação especial, que nos será manifestada sempre pelo seu respectivo caracter.

Sem nos collocarmos em um ponto de vista mais vasto, podemos declarar, que os monumentos exprimem a vida, os costumes do povo para o qual foram construidos, e o templo mais especialmente se harmonisa com as crenças d'esse povo.

O templo tomou primeiramente o caracter de augusta gravidade, que a religião imprime a tudo competente ao seu mister; além d'isso tem uma apparencia particular, conforme o culto ao serviço do qual foi erigido. Um dogma não pôde só por si produzir um systema architectural. Para elle se formar devem concorrer muitas outras circumstancias. Mas se cada povo traduz a sua vida moral, pelos seus edificios de utilidade e de recreio, como não manifestará elle a sua fé religiosa no templo levantado a Deus que adora? Por menos sinceras que sejam as suas convicções dará, não obstante, uma evidente significação a essa obra, pois será o testemunho mais patente da sua crença. Os monumentos da Attica parecem divulgar-nos a existencia indolente e esplendida d'essas populações, das quaes a vida se gosava sob a mais pura atmosphera no meio dos sitios os mais encantadores. Nós ahi encontramos a imaginação arrebatadora, de que estavam animados os poetas Pindaro e Sophocles, assim como a rasão profunda que dirigia Platão nas suas theorias muitas vezes sublimes.

Porém, se examinarmos os templos gregos, reconhecerel-os-hemos tambem, como uma revelação evidente das doutrinas pagãs que dominavam n'aquelle paiz, que os povos da Attica podiam entregar-se aos prazeres da vida, a exemplo de suas divindades, ás quaes haviam attribuido as suas proprias paixões. Fazendo por esta maneira a divindade á sua imagem, elles a tinham apoucado. Ainda mais, os Hellenos não nutriam aspirações

além d'esta vida, e por isso não se privaram de nenhum prazer. A disposição dos seus templos era a expressão d'essas mesmas crenças. O edificio, posto que perfeitamente regular, simples e harmonioso, contudo não parecia elevar-se para as regiões superiores; a sua physionomia é caracterizada pelos numerosos pontos de apoio sobrecarregando a terra, e por linhas horizontaes do entablamento. No santuario da religião dos gregos a divindade ficava como humilhada, pois o Deus parecia estar comprimido debaixo do tecto do seu templo. Tambem, conforme affirma Plinio, a Minerva d'ouro e marfim, obra de Phidias pertencente ao Parthenon, tinha de altura 15 metros, em quanto este edificio não tinha mais de 17 metros d'elevação! Em Olympia, segundo o que descreve Strabão, o Jupiter que se adorava n'esse templo, no qual estava sentado, se por ventura se levantasse, *teria rompido o telhado com a cabeça!*

O genio do christianismo é mui differente, e por esse motivo tambem mui differente é o caracter dado aos seus templos. O christão aceita a vida como sendo um noviciado, a terra é para elle um desterro; os prazeres ephemeros encontrados na sua peregrinação não lhe fazem esquecer a felicidade da patria que aspira alcançar. O Deus da sua adoração é infinito na sua bondade; mas, pela encarnação do verbo, tem elevado até a si a humanidade. O templo deve pois representar essa humildade para com Deus, essas communicacões intimas da terra com o Ceu. Por esta rasão, nas construcções ogivaeas, as linhas e as formas verticaes dominam; as agulhas arremessadas até ás nuvens indicam o cimo do monumento; as naves divididas e as capellas multiplicadas dão ao edificio profundidade mysteriosa; parece estar Deus residindo perpetuamente no silencio do tabernaculo, como convidando o homem a exercicios espirituaes. N'esses refugios escondidos a alma medita espontaneamente, e disfructa essas agradaveis confidencias, com as quaes o coração se esquece da terra e se eleva para o Ceu. Todas estas sensações que recebemos do monumento christão considerado em si mesmo, e nas suas relações com a religião onde elle se ergue, no pensamento que exprime, todas essas impressões se confundem em uma só, a — Esperança — operando sobre nossa alma com o maior poder. Igualmente n'um edificio, a sua significação o embellezará ainda mais com todas as recordações que lhe são proprias; pois nos referirá o seu passado, mostrar-nos-ha a intelligencia de quem o delineou, assignalando-nos tambem a constancia d'aquelles que realisaram a sua execução, ficando indicados por modo tal todos os acontecimentos de que foi testemunha silenciosa. Um monumento é como se fosse um livro, sobre o qual uma geração tivesse escripto em caracteres indeleveis a

sua vida, costumes e convicções. Elle será no futuro a revelação fiel do passado. É principalmente por este concurso de circumstancias e de recordações que o templo toma uma significação mais formal, e vem a ser um dos mais eloquentes symbolos da fé de um povo.

D'estas considerações devemos deduzir varias consequencias muito importantes, que são as seguintes: Em cada região, os edificios serão comprehendidos melhor pelo povo que os concebeu e realisou.

As gerações novas, examinando essas obras das eras remotas, encontraram as mais preciosas recordações da sua historia, o mais valioso e authenticum testemunho da fé dos seus antepassados. Estas recordações dão aos proprios monumentos um prestigio sagrado, impõem respeito e imprimem-lhes um cunho que não terão obras de igual valor, cujas origens sejam ignoradas.

Para se comprehender a significação, o symbolismo de um monumento, não se deve esquecer o passado que recorda, e que n'elle está explicado. Taes memorias em sendo destruidas ou desprezadas, o edificio não conservará senão a belleza material de suas formas; despojado das suas apparencias mais expressivas, unicamente nos offerecerá um aspecto difficil de comprehender. Diz-se com verdade, que os monumentos explicam a historia e fazem conhecer claramente os factos esquecidos, porém é preciso acrescentar ser tambem a historia *indispensavel* para se obter a intelligencia d'esses mesmos monumentos. Durante muitos seculos não houve senão o desdém para com as construcções ogivae, mas as intelligencias mais elevadas não viam n'este genero de architectura apenas uma desordem indescriptivel!

Hoje em dia o estudo da archeologia fez comprehender no seu devido merecimento essas producções legadas pela idade media, causando as suas obras a merecida admiração nas idades futuras,

ao mesmo tempo que encerram uma censura para a esterilidade da arte moderna.

Assim tambem para se comprehender a significação dos edificios gregos, é preciso vê-los na região para a qual foram delineados, fazendo-nos lembrar a existencia do povo que os fez erigir, quaes os seus costumes e as suas crenças: e nunca os deveremos julgar pelas reproducções defeituosas que d'elles se fazem. Todavia essas reproducções, tão insufficientes que sejam, teriam talvez para o povo grego ainda uma significação, que não teriam para nós. Se um atheniense do seculo de Péricles visse no XIX seculo ás cidades modernas, onde encontraria mesquinhas imitações dos seus soberbos monumentos, censurar-nos-hia sem duvida não termos de modo algum comprehendido a arte pertencente á sua patria; e, não obstante, essa interpretação defeituosa lhe faria suscitar ainda muitas lembranças queridas, causando-lhe fortes e agradaveis sensações.

Quando se estuda o progresso que teve a architectura, apresenta-nos a sua historia tres systemas principaes, os quaes se desenvolveram em diferentes epochas, e em diversos povos; o primeiro foi na Grecia, no seculo de Pericles; o segundo, no paiz dos Romanos, no seculo de Augusto; o terceiro na idade media, em França.

Principiaremos por analysar a architectura grega. Examinaremos depois as diferentes phases que têm succedido na architectura, procurando explicar, auxiliado pelos auctores mais auctorizados, como se operaram essas diferentes transformações, e qual pôde ser o valor de cada uma d'ellas.

(Continúa).

J. P. N. DA SILVA.

RECTIFICAÇÃO. — Na pag. 85 do numero antecedente, col. 1.^a, lin. 26.^a e 29.^a, e na col. 2.^a da mesma pag., lin. 15.^a, onde se lê — Justiniano, deve lêr-se — Juliano.

SÊCCÃO DE ARCHEOLOGIA

ICONOGRAPHIA CHRISTÃ

Da mesma maneira que as outras sciencias, a archeologia tem suas regras rudimentares positivamente estabelecidas; não obstante algumas duvidas a resolver, todavia aquelles que se dedicam a este estudo, não têm a presumpção de haverem vencido todas as difficuldades.

Qual será a pessoa, mesmo pouco versada nos estudos geraes que tanto distinguem o presente seculo, que ignore os caractéres particulares proprios ás

tres epochas do periodo romano-bysantino e os typos pertencentes á architectura ogival? Quem visitar as antigas cathedraes (pois é ahi que se encontra a verdadeira escola archeologica), não lhe será sufficiente a simples inspecção dos pilares, capiteis, portaes, janellas, abobadas e até as singelas paredes, para lhe indicar a sua positiva idade e basear a sua opinião sobre rasões irrefutaveis?

Comtudo não seria sufficiente ficar sómente iniciado nos segredos da archeologia propriamente chamada, e de conhecer por miudo tudo aquillo que

constitue a estructura dos monumentos. As bellas vidraças coloridas, ornadas com um sem numero de anjos e santos, não são unicamente véos diaphanos, que deixam transparecer uma claridade celeste modificada por um reflexo purpurino que colora o recinto da oração; devemos consideral-as como sendo imagens dos nossos protectores e servirem-nos de modelos. Essas estatuas encostadas aos arcos dos portaes, esses baixos-relevos que ornam os tympanos, esses medalhões embutidos nas almofadas, essas sentinellas de marmore que vigiam de dia e de noite em roda do templo, algumas collocadas ás suas portas, outras postas nas paredes, não podem representar para nós outras tantas esphinges, das quaes não saberíamos explicar os enigmas!

Confessemos sem hesitar, que a archeologia sem a iconographia será um corpo sem alma, uma lampada de ouro, cuja luz está occulta. Poderá apresentar-nos as pedras postas com regularidade e symetria, porém n'essas pedras não se poderia, sem o conhecimento da iconographia, explicar o sentido occulto dos mysterios religiosos.

Esses antigos templos recordam-nos, em todos os tempos, o silencio venerando que se deve guardar em volta do sepulchro do Creador. Sómente a iconographia nos mostrará como desceu do Céu essa nova Jérusalem, cujas praças e ruas repercutem incessantemente o eterno *alleluia*. Essas pedras terão animação, e quando os descendentes da grande familia dos christãos findarem os seus devotos concertos, ellas continuarão a repetir com uma harmonia — *Gloria ao filho de David*.

Nossa alma, depois de haver examinado os planos e a ornamentação das cathedraes, as suas linhas mais ou menos regulares, os seus detalhes mais ou menos perfeitos, não poderia alcançar o poder de dissipar a nuvem mysteriosa que enchia o edificio sagrado.

O estudo da iconographia dar-nos-ha, pois, essa faculdade.

Apresentaremos sobre a iconographia um resumo completo quanto podermos. Sem abusar da benevola attenção dos leitores, procuraremos afastar as difficuldades d'esta sciencia, indicando os principios geraes de sua facil applicação, confirmados por exemplos.

Quando se estudam os monumentos religiosos, quando nos penetramos dos pensamentos de fé que guiaram os artistas nas ornamentações das antigas basilicas, achamos um grandioso manual constantemente aberto para intelligencia dos sabios, e para a vista dos ignorantes. Para todos este livro apresenta noções claras e positivas, sobre as verdades que devem crer, sobre os deveres que terão a cumprir, e sobre as recompensas que lhes foram promettidas. Posto que o tempo e as revoluções

lhes tenham rasgado muitas paginas preciosas, todavia ainda ficaram sufficientes para poderem servir de objecto ás nossas meditações. N'elle encontraremos tudo que nos possa mais interessar; tanto sobre a nossa origem, como sobre a natureza da alma, assim como qual será o nosso fim e quaes os sacrificios que o Homem Deus se impoz para nos conduzir á fundação da sua igreja, o sem numero dos escolhidos que ella produziu; não faltando a lucta dos vicios contra o Bom, e a Virtude.

Devemos principiar por estudar a iconographia latina; todavia não esqueceremos de comprehender igualmente a iconographia grega.

O Oriente e o Occidente compozeram os mesmos quadros com os mesmos assumptos. Nas duas regiões encontram-se scenas biblicas, evangelicas e apocalypticas, calcadas quasi umas sobre as outras. As legendas são igualmente reproduzidas com os mesmos fins. Existem, não obstante, variedades que são importantes de assignalar. Os artistas gregos, de todas as epochas, applicaram-se a reproduzir, de uma maneira servil, a Escriptura Santa, os Prophetas e a Theologia. Reconhece-se que elles pertenceram ao paiz classico da poesia, não pelas suas novas produções, mas sim pelo forte colorido que sabiam dar aos seus paineis. Os artistas latinos, pelo contrario, não desejavam ser constringidos no seu pensamento; sem se afastarem dos dogmas christãos e da moral do evangelho, operavam com mais liberdade. Os primeiros seguem á risca a letra da doutrina, em quanto os segundos se guiavam pelo sentimento.

Antes de nos occuparmos d'esta materia, devemos dar uma explicação essencial para justificar o motivo de havermos procurado sómente no centro da Europa os exemplos da iconographia christã, quando os monumentos religiosos do Norte nos apresentariam um curso mais completo para o nosso estudo, pois que reúnem tudo aquillo que a arte inspirada pela fé tem produzido de mais perfeito n'este genero. A razão d'essa preferencia é ter sido nas provincias do Norte que se geraram os sublimes detalhes da architectura ogival, e haverem projectado sobre o Meio-dia os raios do seu brilho, o que é justo reconhecer; pois ella tinha antes d'isso recebido do Meio-dia da Europa as magnificencias produzidas pela architectura romano-bysantina, e os preciosos germens da iconographia sagrada. O Meio-dia foi o berço da iconographia; o symbolismo oriental tinha-se naturalizado no paiz dos trovadores, e o sol meridional, depois de excitar a imaginação dos artistas, derramou sobre as suas obras um colorido inflammado que se procuraria em vão encontrar, approximando-nos do Norte da Europa. Admiramos sem duvida o grau de perfeição que os artistas do Norte apresentam nos seus trabalhos, porém vemos ahí unicamente as copias em relação a iconographia.

Apezar do esmero n'essas reproduções, preferir-lhe-hemos, todavia, os originaes : serão talvez menos correctos no desenho, mas de certo mais opulentos no colorido. E' no seu proprio clima que se deve considerar uma planta, se se quizer observar todas as suas propriedades ; mas, sendo transplantada para uma outra região, posto que cultivada cuidadosamente, poderá desenvolver á nossa vista flores mais multiplicadas, produzir curiosas variedades, comtudo terá perdido os seus attractivos naturaes e as suas virtudes essenciaes.

A iconographia é a sciencia das imagens. Como sciencia pratica, é a arte exercida pelos santeiros de todos os seculos, umas vezes exprimindo pela esculptura, cinzeladura e pintura figuras ou factos reaes, outras vezes servindo-se de symbolos, de emblemas, e allegorias que representam por fórmulas sensiveis seres abstractos e incorporeos.

Como sciencia theorica, a iconographia é a instrucção d'essa linguagem natural ou mysteriosa que os nossos antepassados assignalaram nos monumentos, e que esses monumentos nos transmittiram. D'esta sciencia recebemos noções, com o auxilio das quaes poderemos explicar a significação das figuras que ornão os antigos edificios religiosos, destruindo assim a nuvem que os envolvia e descobrindo os pensamentos intimos de nossos antepassados, os seus costumes, qual a sua fé, os seus progressos nas artes, e finalmente a vereda seguida pela sociedade nas suas differentes idades.

Fica pois patente a historia do mundo, não escripta sobre os papyrus e pergaminho, mas profundamente gravada na pedra, no marmore e no bronze, ou reproduzida por côres as mais vivas e attraheentes.

No mesmo tempo que os primeiros historiadores faziam passar á posteridade as nobres acções dos bemfeitores da humanidade, e as proezas dos heroes, a esculptura e a pintura consagraram-se, uma com o seu cinzel e a outra com a sua palheta a conservar esses retratos venerandos e referir os factos memoraveis de sua existencia. As ruinas de Ninive, as de Pompeia e de Herculano, as frizes dos antigos edificios de Roma e de Athenas patenteam-nos que, nos mais remotos tempos, a iconographia seguia a par com a historia.

A iconographia é a parte pratica da archeologia. A linguagem vulgar é muitas vezes inefficaz para exprimir certos sentimentos da alma, sendo obrigada então a recorrer ás harmoniosas expressões da poesia; do mesmo modo tambem o homem tem necessidade da esculptura e da pintura para representar o que nenhuma lingua humana saberia expressar, que innumeradas pessoas não poderiam comprehender.

Quando o christianismo estava ainda na sua origem em um seculo de fervor e de continuados sa-

crificios, não era necessario excitar com representações materiaes o terror nas almas fervorosas pela religião ; por isso não se acharam no interior das catacumbas sómente representadas scenas de piedade ; o olhar fitava-se com satisfação sobre retratos venerandos em retabulos que recordavam a infinita caridade de Christo.

O nascimento do Messias, a adoração dos reis Magos, a fugida para o Egypto, Jesus Christo entre os doutores, a cura do paralytico, a resurreição de Lazaro, a multiplicação dos pães, o bom Pastor, umas vezes fazendo pastar as suas ovelhas, outras vezes recolhendo para o gremio aquella que andava desgarrada, taes são as feições que se encontram muitas vezes misturadas nas representações biblicas.

Os retabulos inspirados pelo Antigo Testamento foram escolhidos de preferencia, entre os que podiam dar mais animo aos primitivos christãos no meio dos combates que tinham de sustentar e de suas cruentas provas. Representa-se Noé na arca da salvação, sustentando-se no cimo das vagas que inundam a terra ; Abrahão prestes a immolar seu filho Isaac ; Moyses ferindo o rochedo, avido de fazer brotar nascentes, ou recebendo as tabuas da verdadeira Lei ; Jonas saindo sem perigo das entranhas da baleia ; ou Daniel sem receio mettido na fossa dos leões, etc.

Encontram-se tambem nas catacumbas os signaes mysteriosos que recordam ao christão os combates de seus irmãos, os seus triumphos, ou os deveres que têm a preencher, e as suas perpetuas esperanças.

E' para notar que um assumpto biblico ou evangelico uma vez admittido, era reproduzido de seculo a seculo ; ajuntava-se lhe, é verdade, novos assumptos, porém, regra geral, conservava-se o mesmo thema dos antigos.

Quando a paz foi restituída á egreja, a devoção dos fieis os dispoz a ornarem esses mysteriosos asylos para o seu culto.

A arte christã applicou-se primeiramente a ornar com pinturas a fresco os lados das catacumbas e a gravar a traço alguns signaes symbolicos sobre os tumulos. Mais tarde executaram baixos relevos nos lados d'esses tumulos, os quaes algumas vezes serviam de altares.

Apenas liberta das perseguições, a Egreja foi devastada pelas heresias. Então encontra-se repetidas vezes Jesus-Christo entre os apóstolos Pedro e Paulo, um d'elles confirmando aos seus irmãos na Fé ; o outro sendo pela sua sciencia como um facho sempre luminoso da Egreja.

Chegamos a uma epocha em que a ornamentação veiu a ser mais prodigalisada. Alem das pinturas a fresco, que se encontram de todos os tempos, alem das linhas esculpidas sobre as campas dos sarco-

phagos e baixos-relevos que já mencionamos, os vasos sagrados cobrem-se de imagens pintadas ou gravadas. Enquanto a esculptura multiplicava os baixos relevos, os estatuarios e os pintores exercitavam-se sobre assumptos religiosos, principiando se então a ornatar os baptisterios.

A religião tinha creado para a representar uma côrte composta de imagens; não repudiou inteiramente os typos do paganismo, apropriou-os como allegorias, depois de os ter purificado da idéa profana; e por este modo as historias e os emblemas gregos e romanos tiveram logar nas composições dos retabulos christãos.

Até ao v seculo não tinham ainda ousado representar o Redemptor sobre a cruz, contentavam-se unicamente de figurar a imagem do seu supplicio sob differentes fôrmas, fosse como symbolo, fosse como attributo, ajuntando-se, poucas vezes, alguns instrumentos da Paixão. N'aquella época appareceu pela primeira vez a imagem do Redemptor, revestido da sua tunica sem costura e suspenso á arvore da cruz. Sómente no vii ou no viii seculo, as representações da Paixão se multiplicaram.

Na origem da ornamentação, na primeira época do periodo romano-byzantino, accresceram os mosaicos, que tinham sido postos em uso nas basilicas constantiniannas: ás vezes, substituíram pelos mosaicos as primitivas pinturas a fresco. Todos os mosaicos não eram só compostos de marmore de côres diversas; muitos eram formados de fragmentos de differentes coloridos. No xii seculo, a pupilla das estatuas foi muitas vezes formada com vidro de esmalte, assim como a circumferencia das aureolas.

Os mosaicos historiados empregavam-se sempre no xii seculo para ornar o chão das grandes basilicas.

Os primeiros christãos deviam ter uma grande reserva na veneração exterior dedicada ás imagens, pois receavam despertar nos novos convertidos as antigas praticas da idolatria. Portanto essas imagens não faziam parte do culto, mas serviam apenas de assumpto aos prégadores.

Não obstante as protestações dos catholicos, os iconoclastas, esses hereticos, quebraram as imagens em toda a parte onde as encontravam, e perseguiram durante 120 annos a sua obra de destruição, isto é, durante o curso do viii seculo, e a primeira parte do ix.

O occidente, posto que menos adiantado nas artes, tinha tambem as suas imagens, porém não lhes rendia nenhum culto: serviam unicamente para a instrucção dos povos, eram o livro dos ignorantes, constantemente aberto aos seus olhos.

Por esta rasão é facil explicar o motivo da raridade dos monumentos iconographicos durante os viii e ix seculos.

O x seculo foi pouco fecundo na iconographia, como tambem foi pouco abundante em architectura. Os terrores que inspirava a approximação do anno 1000, que se acreditava traria o fim do mundo, haviam transido os animos e paralyzado o genio.

No xi seculo, a arte degenerada parece tomar uma nova existencia, porém reveste-se de fôrmas incorrectas. Pode-se comtudo já admirar um certo talento nos remates imitados do reino vegetal nos troncos, assim como nos arabescos, e mesmo na representação de passaros. Não havia igual facilidade para a imitação dos quadrupedes e das fôrmas humanas. Todavia a esculptura exercia-se com profusão nos capiteis, nos tympanos, nos altares e nas pias baptismaes. Algumas vezes a pintura vinha com as suas variadas côres cobrir as obras de esculptura, como se fosse para disfarçar os defeitos da execução.

Durante o xii seculo, a arte aperfeiçoa-se, o cinzelado é mais delicado, as côres mais vivas do esmalte dão um novo brilho ao ouro e á prata. A pedra e o marmore não são unicamente desbastadas; as obras apparecem executadas com mais relevo, e se o estatuario deixa ainda muito a desejar a respeito da pureza do desenho, se á primeira vista se reprova ver, algumas vezes, essas figuras descarnadas, esses bustos esguios, com membros delgados e seccos, admiramos entretanto a austera dignidade que os artistas souberam dar ás suas composições.

Os artistas que mais contribuíram para este resultado, no xi e xii seculos, para fazerem esta revolução iconographica, saíram da escola de Cluny. É' principalmente nas egrejas, que dependiam d'esta ordem de Cister, que se podem estudar com proveito os detalhes e os progressos da iconographia christã, no fim do periodo romano-byzantino.

Esses frades artistas dispunham-se ao trabalho sem ter excitado a sua imaginação pela consideração das bellezas languidas e effeminadas: os seus companheiros vestidos com os habitos de burel, as faces encovadas pelos jejuns e penitencias, o rosto sombrio e enrugado pelas meditações, serviam-lhes para os seus modelos, portanto não devemos estranhar vêr a austeridade representada nas suas obras.

O periodo ogival não repudiou inteiramente as tradições iconographicas dos seculos precedentes. Ornavam-se os capiteis com os productos do reino vegetal e com algumas legendas. As allegorias numerosas e os symbolos com que decoravam os capiteis romano-byzantinos, desappareceram; porém os tympanos dos frontões e os arcos dos portaes foram então escolhidos para representarem as verdades evangelicas. Accrescentavam-lhes ás vezes a legenda do orago e os mysterios da vida de Christo.

Ao mesmo tempo os humbraes do portico revestiam-se de soberbos medalhões, mostrando as representações bíblicas, compostas de animaes symbolicos, com signaes do zodiaco, e assumptos dos cancionistas.

Foi no XIII seculo que appareceram por cima dos altares retabulos ornamentados egualmente com representações religiosas. Antes d'esta epocha o throno episcopal, erguido no fundo da capella-mór, obstava a esta disposição, que teria privado o povo de ver a presença da principal dignidade religiosa.

Tôdavia a esculptura tinha obtido um novo grau de perfeição, a mão do artista era mais firme. Então já podiam levantar o lavor na pedra com uma notavel destreza, dando-lhe fórmãs e contornos mais agradaveis; as attitudes das figuras eram mais naturaes, sabendo alliar-se a belleza physica á belleza moral. As grandes estatuas não se faziam já achatadas e encostadas ás paredes, ficavam affastadas do fundo e collocadas em nichos gothicos cobertos de baldaquinos rendilhados.

O desenvolvimento da pintura sobre as vidraças completou-se, podendo-se estudar o culto religioso em todas as suas particularidades, não esquecendo mesmo as legendas dos santos mais celebres d'aquelles, sobre todos, que haviam ennobrecido o paiz com os seus exemplos e milagres, e que as egrejas escolheram para seus oragos.

No XIV seculo e no XV, o dominio dos artistas santeiros engrandeceu-se, os tympanos, os arcos dos portaes, os nichos, e os pinaculos, são muito mais multiplicados que no seculo precedente: os relicarios, os vasos sagrados, os livros de orações, as vidraças dos templos, as superficies das paredes, as abobadas, as capellas que circumdam a capella-mór continuam a ser ornadas com riquissimas iconographias, ao mesmo tempo que as grades do altar-mór, com que no XIII seculo haviam já separado o côro, formaram uma barreira mais alta, junto das quaes as cadeiras do côro estavam assentes em amphitheatro, e nas tribunas entre o arco triumphal ostentavam as suas elegantes galerias as quaes separavam o côro do cruzeiro. Os xadrezes de diversos feitios não cobria então o pavimento, como se fossem um rico tapete, mas a superficie do solo ficava dividida pelas campas dos finados; umas vezes a escriptura tumular contentava-se em fazer recordar sómente por inscrições o nome e as qualidades do finado, cuja pedra fechava a sua sepultura; outras vezes representava a sua effigie como simples contorno, ou então a embellezam com embulidos no seu contorno.

Comtudo, desde o fim do XIV seculo, os miniaturistas, os pintores, esculptores e cinzeladores principiavam a affastarem-se dos typos tradicionaes; o pensamano pertendia então substituir-se á idéa Divina, o Evangelho era de uma sublimidade muitis-

simo simples: os artistas emprehenderam de abrihantar com os caprichos de sua phantasia. Foi n'esta mesma epocha que appareceu essa excessiva quantidade de macacos e de figuras mostrando carantonhas, nos quaes parece ser tão difficil explicar-se o motivo de similhantes representações.

No XV seculo, quizeram tambem apresentar uma maneira affectada na attitude de suas estatuas e figurinhas, sem adoptarem uma belleza seria e modesta. Posto que os artistas quizessem ainda empregar-se no serviço da religião, pois que a fé existia ainda com fervor, reproduzindo-seas mesmas composições como nos seculos precedentes, deixavam-se dominar pelo sensualismo; as imagens dos santos e possantas poderiam ter apparecido como ornamento em um torneio e collocar-se a par dos cavalheiros e senhoras nobres n'essas representações.

No XVI seculo, época sem pudor, pouco faltou para seguirem a arte pagã, não hesitando em imital-a. Desappareceu a iconographia christã. Um medonho cháos substituiu perfeita ordem, que não vimos seguir nos seculos anteriores; as obras primas do genio inspiradas pela fé não acharam imitadores; quizeram-se libertar da devoção para conservar sómente a tendencia degenerada do genio.

A Mythologia e a Biblia, a historia profana e a historia sagrada, o Evangelho e as superstições populares, tudo fica confundido. Aparece Marte junto de S. Miguel, anniquillando o dragão; Hercules armado de sua massa em face da religião, e apoiada sobre a cruz; a virtude é symbolizada por fórmãs sensuaes; os anjos bojudos pareciam rivalisar com os satyros ainda na infancia, os quaes lhes disputavam os mysticos logares.

Os admiradores d'esta supposta renascença criticam as obscenidades executadas no seculo da fé; todavia os esculptores e santeiros christãos d'então tentavam por este modo inspirar o terror do vicio, patenteando-o no estado mais hediondo nas suas obras; com o cunho da sua fé nunca ofenderam a imaginação a mais escrupuloza, em quanto que as obras de renascença são a expressão evidente da corrupção que imperava n'essa epocha tanto na cabana do pobre como no palacio do fidalgo. Estes representavam a imagem do vicio para afugental-o, os outros pelo contrario para confirmar o seu dominio.

O XVII seculo, sem desprezar inteiramente o genero adoptado na renascença, mostrou-se todavia mais reservado. Sem duvida, apparece um pouco a confusão do sagrado com o profano, conforme a escola italiana d'esta epocha; mas em geral nos assumptos religiosos as composições eram feitas com mais recato.

A iconographia estava prestes a privar-se de um meio bastante esplendido do seu soberbo dominio; a pintura sobre vidro, já então reduzida em grande

parte a simples claro-escuro, ia insensivelmente desapparecendo. Em breve, em lugar de apresentar essa luz mysteriosa tão favoravel para as devotas meditações e que augmentava a magestade das augustas ceremonias, jorros de luz vieram derramar em todas as partes dos edificios sagrados uma claridade excessiva que ferindo a vista destruia ao mesmo tempo o recolhimento do espirito aos fieis; em lugar de se adorarem os santos collocados n'este recinto sagrado, nos respectivos altares, recordando as virtudes que haviam praticado, ficava a vista cançada de os procurar no templo, descobria-se sómente a nudez das paredes e o abandono das venerandas tradições!

No XVII seculo tinha-se principiado a desprezar este ramo da arte christã, o seculo seguinte acabou por o esquecel-o completamente, a indifferença sobre este ponto chegou a tal extremo, que se ficava ignorando a maneira de se executarem essas pinturas nas vidraças; apenas alguns trabalhos de entalhador em madeira, pintura a fresco ou a oleo, e pannos de raz, foram as unicas obras iconograficas de XVIII seculo, pois a decadencia da arte foi o triste resultado da confusão introduzida pelo renascimento!

A' nossa epocha está reservada a gloria de restabelecer a crença na sua pureza. As obras artisticas religiosas dos nossos antepassados, ficaram perto de tres seculos em esquecimento, desprezadas com a maior indifferença e vergonhoso abandono e mesmo condemnadas por um estúpido vandalismo, intoleravel em povos civilizados. Principiemos a comprehender o que esses momentos têm de sublime, para os acatarmos com a devida veneração, e procuremos com zelo artistico reparar os estragos dos tempos e os que a ignorancia e malvadez causaram; e como estão praticando as nações mais illustradas dão-nos o nobre exemplo para serem respeitadas e conservadas essas obras de remotas eras, de tanto merecimento e recordações as mais consoladoras.

Já em quasi todas as principaes cidades do mundo civilizado se constituiram sociedades archeologicas para estudarem as antiguidades que possuem, curar da sua conversação e inspeccionarem as restaurações religiosas.

Os architectos intelligentes não se guiam para estas edificações pela vontade de sua fantasia, ou pelo capricho e falta de gosto das juntas de parochia, elles são escrupulosos em seguirem os bellos exemplos d'architectura e os seus typos especiaes, a fim de evitarem os enchertos mal cabidos, o anachronismo intoleravel que destroe o caracter e harmonia architectonica dos monumentos antigos, com grave prejuizo para o estudo das bellas artes e prejudicial descredito das nações que desprezam estes pre-

ceitos e dos artistas a quem faltam o talento e o saber para exercerem a sua nobre profissão.

J. DA SILVA.

~~~~~  
EPIGRAPHIA

(Concluido do n.º 5, pag. 70)

Encontrada por acaso, quando eu e os meus amigos, Alexandre Peres e Antonio Montenegro, visitavamos o Freixo. Estava á borda d'um poço, servindo de suporte a uma das extremidades d'um sarilho de baldear agua. Era uma ára, cujos frisos foram em parte aparados. A brutalidade, com que foi tratada desde remotos tempos, fez-lhe saltar uma lasca, que ninguem pôde saber onde pára, e que levou com certeza um G no principio da primeira linha. Para mim, porém, é muito duvidoso se o principio da segunda linha foi offendido e se devemos ler: GENIO ONCOBRICENSIVM, ou se atraz do segundo nome haveria alguma letra mais, um L, supponhamos.

Hoje a ára está em meu poder, mas de balde me tenho cançado, para decifrar o resto, de modo a poder dar uma copia conscienciosa.

Muito duvidosamente leio na terceira linha:

ANIVS

e na quarta

V.S.A.L.M

O meu amigo José de Barros, medico do partido no Marco, encontrou mais depois no Freixo a seguinte inscripção, já conhecida, mas pouco correctamente copiada:

XI.

AA. S I O V .  
. J M V  
. M

Era uma ára, servindo hoje de pedestal d'uma cruz; mas os angulos da ára foram cortados d'alto a baixo, levando algumas letras tanto no principio, como no fim das linhas.

A actual povoação de Freixo assenta na área d'uma estação prehistorica e a cada passo estão apparecendo por ali objectos antigos.

XII. No tópo d'uma grande lapa, na volta do Covo (Gerez):

LV RIACI

Entre a segunda e terceira letra falta com certeza uma outra.

Esta inscripção foi-me indicada pelo sr. P. Mar-

lins Capella e copiada, quando com este meu esclarecido amigo visitei o Gerez.

XIII.

L. VALERIUS SILVA/VS  
MILES-LEG. VI. VICT.  
TVRIACO  
S. L. M.

Esta inscripção não póde dizer-se inedita, mas é como se o fosse, tão extravagante tem sido a interpretação a que deu lugar a copia dos seus primeiros editores.

Segundo esta interpretação, ella faria menção de um soldado que venceu Viriato. Este glorioso soldado desapareceu, mas ficou em lugar d'elle um deus, que pertencia certamente ao Pantheon, onde já estavam enfileirados Endovelico, Bormanico, etc.

Mas a que deus se dirigira este *miles legionis sextæ victricis*? Aqui a duvida. Quando encarei com a inscripção, que se acha embutida na parede d'um dos claustros do Mosteiro de Santo Thyrso e a bastante altura do observador, desconfiei logo, pela falta do V (*votum*), muito sensível no principio da ultima linha, que a pedra não estava tão inteira, como parecia á primeira vista. Com a ajuda d'uma escada, pude, eu e o sr. abbade de Santo Thyrso, examinal-a mais de perto e viu-se então que uma crosta de cal, ennegrecida a ponto de confundir-se um pouco com a côr do granito, tinha sido cuidadosamente alisada sobre parte da pedra, começando quasi em zero no L da primeira linha e alargando-se depois até o V desaparecido, provavelmente no proposito pouco sensato de dissimular alguma falha do monumento. Era possível que sob a camada de cal alguns traços de letras apparecessem. Como, porém, era tarde e uma ligeira tentativa mostrou que a camada estava tão dura, que só com muito cuidado podia ser desagregada do granito, sem o offender, o sr. abbade Pedrosa incumbiu-se d'este trabalho. Eu tenho deante de mim uma photographia, que o meu illustre amigo mandou tirar da pedra, depois de ultimada a operação de que se encarregou e é d'esta photographia que foi tirada a minha copia d'agora.

Antes do T ha evidentemente um O. Mas se esta letra é a ultima da palavra DEO e o nome do deus é TVRIACO é o que eu não posso decidir.

XIV. N'uma lage, na bouça do Capitão, freguezia de S. Claudio do Barco:

CVLC  
V

Ha n'esta inscripção de curioso o signal que termina a primeira linha e que se encontra no nome:

AR

achado na Citania.

O sr. Hübner considerava este signal, como um tridente invertido, mas a mim parece-me uma ligadura de letras e tal parece ser hoje tambem a opinião do insigne epigraphista.

As seguintes inscripções são da Citania.

Publico apenas as que o sr. Hübner não publicou ainda, penso eu, bem que eu lhes remetteste copias d'ellas.

XV. N'uma pedra, servindo de ladrilho a uma praça:

C T

XVI. N'uma pedra de construcção:

ATVRO  
VIRIATI

XVII. N'uma pedra d'amollar:

CAMALI DOMI  
CATVRO

As letras da segunda linha estão muitissimo pouco legiveis; mas a sua leitura fica sob a responsabilidade do sr. Hübner, que assim a adoptou, quando visitou a Citania e poudo examinar attentamente o original.

XVIII. N'uma pedra, que serviu á construcção d'uma casa:

CAMALI.

O Socio

F. MARTINS SARMENTO.

---

#### EXPLICAÇÃO DA PHOTOGRAPHIA D'ESTE NUMERO DO BOLETIM

A copia photographica da carta autographo da rainha Isabel d'Inglaterra a um personagem em Lisboa a respeito da pretensão da casa de Bragança á successão de Portugal da era de 1580 é não sómente um muito interessante documento historico, como um rarissimo e valioso original archeologico, que pertence ao nosso illustrado consocio o sr. visconde de Alemquer. Permittiu s. ex.<sup>a</sup> que fosse publicado no Boletim da nossa associação. É mais um testemunho de quanto deseja concorrer para dar maior interesse a esta publicação scientifica.

A carta está escripta no idioma italiano, em um estylo elevado, com um talhe de letra elegante e de facil leitura (como era peculiar a todas as rainhas da Gran-Brelanha). Tem sido desejada por muitos distinctos bibliophilos, que por ella offerecem uma avultada quantia; porém o actual possuidor, que é

tambem um esmerado e esclarecido colleccionador, não a cede por preço nenhum.

Emquanto ao assumpto de que trata, não é da indole d'esta nossa publicação artistica e archeologica occuparmo-nos de semelhante contheúdo, deixando aos competentes apreciadores dar-lhe a importancia politica do intuito da auctora; mas nem por isso o autographo será menos apreciado pelos archeologos e amadores d'este genero de antiguidades.

POSSIDONIO DA SILVA.

EXCERPTO HISTORICO

De uma interessante publicação do nosso digno consocio o sr. Gabriel Pereira apresentamos um extracto da versão que fez da 1.<sup>a</sup> parte da obra de Strabão, capitulo III, pag. 25, ácerca da Peninsula Iberica, e que será sem duvida apreciado como merece pelos leitores d'este *Boletim*.

«1. Seguindo agora, partindo sempre do promontorio Sagrado, a outra parte da costa, a que se dirige para o Tejo, observa-se a principio que a praia se encurva formando um golpho; depois segue-se o promontorio Barbarium, e logo após este a foz do Tejo: a travessia (do dito golpho) em linha recta até á foz do Tejo é de 1000 estadios.

N'esta parte da costa ha tambem esteiros; d'estes mencionaremos especialmente um que partindo do (promontorio) acima nomeado, se interna por mais de 400 estadios e (pode levar os navios ate Salacia). O Tejo com 20 estadios de largura na sua boca tem ao mesmo tempo bastante profundidade para que os maiores *transportes* do commercio é possam subir; e como no preamar forma alargando as planuras marginantes dois mares interiores d'uma extensão de 150 estadios, toda este porção da planicie se acha por este facto conquistada pela navegação. D'estes dois lagos ou estuarios (que o Tejo forma) o que está situado mais acima contem uma pequena ilha de quasi 30 estadios de comprimento, e outro tanto de largura notavel pela belleza de seus (olivaes) e vinhedos. Esta ilha vé-se na altura de Moron, (f) cidade felizmente situada sobre um monte, muito proximo do rio, e quasi a 500 estadios do mar, rodeada de fertes campinas, com grande facilidade de communicação pela via fluvial, porque os maiores navios podem subir o rio n'uma boa parte do seu curso, e no resto, isto é ainda mais longe acima de Moron, que de Moron ao mar, conserva-se navegavel ás barcas e outras embarcações dos rios. Foi esta cidade que Bruto denominado o Callaico escolheu para base de operações na sua campanha contra os lusitanos, que se terminou

como é sabido pela derrota d'estes povos. Além d'isto fortificou Oliosipon que é pela sua posição a chave do rio, com o fim de dominar o seu curso e de poder sempre fazer chegar por esta via até ao sen exercito as provisões precisas: por natureza estas duas cidades são as mais fortes entre as que marginam o Tejo. Este rio alem de mui piscoso abunda tambem em mariscos. Nasce entre os celtiberos e atravessa successivamente o paiz dos vetões, e os dos carpetanos e dos lusitanos, dirigindo ao poente equinoxial. Até um certo ponto do seu curso corre parallelamente ao Anas e ao Betis; mais longe porem affasta-se d'elles correndo estes rios então para a costa meridional.

2. Dos povos de que acima fallámos como habitando as montanhas, os mais meridionaes são os oretanos que se dilatam mesmo até á costa na parte da Iberia comprehendida para dentro das columnas de Hercules. Ao norte d'estes encontram-se os carpetanos e mais longe os vetões e os vacceus, cujo territorio é atravessado pelo Durius; é em Acontéa effectivamente, cidade dos *vacceus* que habitualmente se passa este rio. Deparam-se emfim os callaicos, occupando grande parte das montanhas, e que tendo sido por esta razão mais custosos de vencer mereceram dar o seu nome ao vencedor dos Lusitanos e acabaram mesmo pelo alargar na actualidade impondo-o á maior parte dos povos da Lusitania. As cidades principaes da Oretania são Castallon e Oria.

3. Ao norte do Tejo dilata-se a Lusitania habitada pela mais poderosa das nações ibericas e que entre todas por mais tempo deteve as armas romanas. Este paiz tem por limites ao sul o Tejo, a oeste e norte o oceano, a oriente as possessões dos carpetanos, dos vetões, dos vacceus e dos callaicos, não fallando senão dos povos conhecidos, porque ha outros que não merecem nomear-se, por obscuros e pouco importantes. Em opposição ao que acabamos de dizer alguns auctores modernos comprehendem entre os povos lusitanos estas tribus limitrophes. N'este caso devemos dizer que estas tribus confinam, pelo lado de léste, os callaicos com o territorio dos asturos e dos ceitiberos, e as outras todas com a Celtiberia. O comprimento da Lusitania (até ao cabo Nerio) é de 3000 estadios; emquanto á largura medida do limite oriental á costa maritima que a defronta é muito menor. Toda a região oriental é elevada e aspera, mas para baixo até ao mar o paiz só forma uma planura apenas interrompida por algumas montanhas de altura mediocre. Assim Possidonio não approva Aristoteles por attribuir o phenomeno das marés á disposição d'esta costa e da Maurusia, como se o refluxo do mar fosse devido á elevação e á natureza esparcelada d'estes extremos da terra habitada que recebendo a onda com dureza naturalmente deviam repellir-a do mesmo modo: de facto as costas da Iberia, como Possidonio o nota com razão, consistem na sua grande maioria em dunas muito baixas.

(f) Muller identifica Moron com a Myrobriga de Ptolomeu.

4. O paiz que descrevemos é rico e fertil; rios grandes e menores o cortam, todos vindos do oriente, correndo parallellos ao Tejo; na maior parte pôdem subir-se, e arrastam palhetas de ouro em grande quantidade. As mais conhecidas d'estas correntes a partir do Tejo são o Mundas (g) e o Vacua; ambos podem subir-se a curta distancia apenas. Vem depois o Douro cuja origem é mui longiqua, banha Numancia ou Nomantia e muitos outros logares pertencentes quer aos celtiberos quer aos vacceus; os grandes navios mesmo podem subil-o por 800 estadios quasi. Cortam-se ainda outras correntes e chega-se ao Léthes. Este rio que os authores chamam tambem ora Limeas, ora Oblivio (h), desce igualmente da Celtiberia e do paiz dos vacceus. O mesmo acontece ao Bænis que lhe succede: o Bænis ou Minio, como algumas vezes lhe chamam, é de todos os rios da Lusitania o maior, e muito, e pôde subir-se como o Douro pelo espaço de 800 estadios. Segundo Possidonio vem, como o Douro, do paiz cantabrico. A foz é dominada por uma ilha e protegida por uma dupla restinga a cujo abrigo podem os navios fundear. Notemos aqui uma disposição natural bem feliz: os leitos de todos estes rios estão mui profundamente cavados, o bastante para conter as ondas da maré na enchente, o que obsta aos alagamentos e impede que as planicies proximas sejam inundadas. O Benis foi o termo das operações de Bruto; para cima d'este ainda se encontram outros rios correndo parallelamente aos precedentes.

5. Os ultimos povos da Lusitania são os artabros que habitam parte do Cabo Nerio. Na vizinhança do mesmo cabo que forma a extremidade tanto do lado occidental como do septentrional da Iberia habitam os celticos, proximos parentes dos das margens do Anas. Conta-se com effeito que um bando d'estes ultimosprehendera outr'ora uma expedição em companhia dos turdulos contra os povos d'esta parte da Iberia, e entrara em desordem com os seus alliados logo na margem ulterior do Liméas, e perdendo em tal occasião para cumulo de desgraça o chefe que o commandava se espalhou no paiz decidido a permanecer ahi, o que fez dar ao Liméas esta denominação de rio do Léthes ou do Olvido. As cidades dos artabros estão agglomeradas em roda d'um golpho conhecido pelos maritimos que praticam estas paragens pelo nome de *porto dos artabros*. Hoje todavia dá-se aos artabros mais vulgarmente o nome de Arotrebas. — Trinta povos (i) diversos habitam a região comprehendida entre o Tejo e a fronteira dos Artabros; mas, ainda que este paiz seja naturalmente rico em fructos e gado, e tambem em ouro, prata e outros metaes, a maioria d'estes povos re-

nunciou a aproveitar estas riquezas naturaes para viver vida de salteadores; sempre na verdade viveram em guerras ou entre si, ou com os seus vizinhos além do Tejo, até que os romanos puzeram fim a este estado de cousas fazendo descer os povos da montanha para a planicie, e reduzindo a maior parte das suas cidades a simples burgos, fundando ao mesmo tempo algumas colonias entre elles. Fôram os serranos, como facilmente se creê, que iniciaram a desordem; habitando um paiz triste e selvagem, possuindo tão sómente o necessario, desceram a cubiçar o bem de seus vizinhos. Estes por sua parte tiveram para os repellir de abandonar os seus proprios trabalhos e como elles mesmos se puzeram a guerrear em vez de cultivar a terra, o paiz pela falta de cuidados cessou de produzir alguma cousa, nem mesmo os fructos que lhe eram naturaes, a ponto de se tornar em verdadeiro abrigo de salteadores.

6. Os lusitanos segundo contam são excellentes para armar embuscadas e descobrir pistas; são ageis, rapidos, dextros. O escudo de que se servem é pequeno, só com dois pés de diametro, a parte anterior é concava; trazem-no suspenso ao pescoço por correias, não se vê um só com braçadeiras ou fivellas. Armam-se com um punhal ou grande faca; a maioria tem couraças de linho, outros, mas em pequeno numero, usam cota de malha e o capacete de triple cimeira; em geral os capacetes são de couro. Os peões teem tambem enmidas, e cada um leva muitos dardos compridos na mão; alguns servem-se de lanças com ponta de bronze. Diz-se ainda que entre os povos das margens do Douro ha alguns que vivem á maneira dos Lacedemonios, untando-se com azeite e servindo-se de almofaças e de estufas aquecidas com pedras vermelhas ao fogo ou ardentes, depois banhando-se em agua fria; comendo só uma vez ao dia, sendo a comida bem preparada, na verdade, mas em extremo frugal. Os lusitanos sacrificam frequentemente aos deuses, examinam as entranhas sem as arrancar do corpo das victimas, observam tambem as veias do peito, e tiram tambem certas indicações do simples contacto. Consultam mesmo em certos casos as entranhas humanas, servindo-se para isto dos prisioneiros de guerra, que revestem previamente do *sagum* para o sacrificio, e quando a victima cae com o ventre aberto pela mão do aruspice tiram o primeiro presagio da propria queda do corpo. Muitas vezes tambem cortam a mão direita aos captivos e as offerecem aos deuses.

7. Todos estes montanhesees são sobrios, bebem só agua, deitam-se no chão; teem cabellos compridos e fluctuantes á maneira das mulheres, mas, para combater, cingem a fronte com uma ligadura. O seu principal alimento é a carne de cabra. Nos seus sacrificios ao deus Marte immolam tambem bodes, e os prisioneiros de guerra e cavallos. Conforme ao uso dos gregos fazem hecatombes de cada especie de victima. Celebram jo-

(g) Munda ou Muliadas nos manuscritos.

(h) Talvez o mesmo nome em tres idiomas diversos, sendo Limeas na linguagem do paiz.

(i) Alguns manuscritos dizem cincoenta. Plinio conta quarenta e seis povos na Lusitania.

gos gymnicos, hopliticos e hippicos, nos quaes se exercem no pugilato e na carreira, e simulam escaramuças e batalhas campaes. Nas tres quartas partes do anno o unico alimento na montanha são as glandes de carvalho, que seccas, quebradas e pizadas servem a fazer pão: este pão póde guardar-se por muito tempo. Uma especie de cerveja feita com cevada é a bebida vulgar; emquanto ao vinho é raro, e o pouco que se fabrica é em breve consumido nos grandes banquetes de familia tão frequentes entre estes povos. Em vez de azeite servem-se de manteiga: comem assentados, ha para isto bancos de pedra dispostos em roda das paredes onde os convivas tomam logar segundo a idade e a posição. A comida circula de mão em mão. Mesmo bebendo os homens põem-se a dançar, ora formando córos ao som da flauta e da trombeta, ora saltando cada um de per si a ver quem mais alto salta e mais graciosamente cahe de joelhos. Na Bastetania as mulheres dançam tambem misturadas com os homens, cada uma tendo o seu par defrente, a quem de vez em quando dá as mãos. Todos os homens vestem de preto e a dizer a verdade não deixam os seus *sagos* servindo-se d'elles como de cobertores nos seus leitos de palha secca: estes mantos como os dos celtas são feitos de lã grosseira ou de pello de cabra. As mulheres só usam mantos e vestidos, de cór feitos de fio crusado. Nas terras interiores só se conhece pela carencia de moedas o com mercio de troca, ou então cortam-se laminas de prata em bocadinhos que se dão em pagamento do que se compra. Os criminosos condemnados á morte são precipitados; mas os parricidas são lapidados fóra do territorio alem da fronteira mais afastada. As cerimoniaes do casamento são as mesmas que na Grecia. Os doentes, como antigamente se usava entre os assyrios são expostos nas ruas, para provocar assim os conselhos dos que padeceram as mesmas molestias. Anteriormente á expedição de Bruto estes povos não se serviam senão de barcos de couro para atravessar os estuarios e lagos do seu paiz; hoje começam tambem a ter embarcações cavadas n'um só tronco d'arvore, mas o uso ainda está pouco divulgado. O sal que recolhem é vermelho — purpura, e só se torna branco sendo pisado, tal é o genero de vida d'estes montanhezes, e, como já o disse comprehendendo sob esta denominação os diversos povos que marginam o lado occidental da Iberia até ao paiz dos vascões e aos montes

Pyreneus, a saber os callaicos, asturos e cantabros que todos teem na verdade um modo de viver uniforme; poderia sem duvida fazer uma lista d'estes povos mais extensa, confesso que me não chega a coragem para tanto, retrocedo ante o fastio de tal transcrição, imaginando demais que ninguem terá prazer ouvindo nomes como os de Pleutauros, Bardyetas, Allobrigos, e outros ainda menos harmoniosos e menos conhecidos.

8. Demais nem só a guerra originou entre estes povos os rudes e selvagens costumes, estes nasceram tambem do afastamento extremo em que seu paiz se acha das outras regiões, pois para lá chegar tanto por mar como por terra são precisas jornadas mui longas, e naturalmente esta difficuldade de communicações lhes fez perder os sentimentos de sociabilidade e humanidade. Cumpre dizer todavia que hoje o mal é menor em consequencia do restabelecimento da paz e das frequentes viagens que os romanos fazem nas suas montanhas. Restam ainda algumas tribus que até ao presente menos teem participado que as outras n'esta dupla vantagem; estas conservam um caracter mais feroz, mais brutal, sem contar que na maioria d'ellas esta disposição natural é augmentada provavelmente pela aspereza dos logares, e pelo rigor do clima. Mas, torno a dizer, estão hoje terminadas todas as guerras; os proprios Cantabros que de todos estes povos eram os mais ligados aos habitos de salteadores, foram domados por Cezar Augusto, assim como as tribus que os avinham, e, em vez de devastar como d'antes as terras dos aliados do povo romano, tomam agora as armas para defender os proprios romanos; tal é tambem o caso dos Coniacios (j), (dos Aruaci), que habitam (a cidade de Segida), nas origens do Ebro, (dos Belli e dos Tythos). Mais ainda Tiberio, pela indicação de Augusto seu predecessor, enviou para estes paizes um corpo de trez legiões, cuja presença já tem feito muito, não só para pacificar, mas ainda para civilisar uma parte d'estes povos.»

O Socio

GABRIEL PEREIRA.

(j) Talvez os «Concani» mencionados em Horacio, Pomponio Mela e Silio Italico.

## CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O nosso digno consorcio o sr. D. Pedro Belenguer foi nomeado professor de mathematica, na academia geral militar da cidade de Toledo. Pelas suas publicações scientificas e reconhecido talento adqui-

riu jús a esta subida consideração, que nos causou immenso prazer. Felicítamol-o por este honroso cargo.

O distincto presidente do instituto de sciencias em Philadelphia presenteou-nos com instrumentos pre-historicos descobertos em Nova Jersey e em Ohio. Pelo bello estado de sua conservação, e por serem os

primeiros objectos archeologicos que possuimos pertencentes aos Estados-Unidos da America tornam-se de grande estimação para as collecções do nosso museu; sendo muito para agradecer a este sabio archeologo a sua apreciavel offerta. E' egualmente li-songeiro para a nossa associação que aquelle instituto nos quizesse distinguir, entre os da Europa com esta singular consideração.

De Alemquer recebemos nova dadiva do nosso estimado consocio o sr. José da Cunha Peixoto, que nos enviou um marco milliario da epoca de Augusto.

O nosso presidente o sr. Possidonio da Silva, na sua recente digressão ao Minho, teve a fortuna de achar no extremo do concelho de Vianna do Castello uma pequena igreja da era de 1145, a qual conserva ainda o typo primitivo da architectura *Roman*. Officiou ao Governo para ser incluída no numero dos edificios de 2.<sup>a</sup> classe dos monumentos nacionaes, tanto pela sua remota antiguidade como por ser raro specimen no nosso paiz de architectura do XII seculo.

O nosso socio honorario, o sr. conde de Marsy, remetteu de Paris mais outra importante collecção de obras litterarias e de archeologia para a biblio-

theca da nossa associação. Afóra o interesse que essas publicações merecem pelas materias de que tratam, ha ainda para nós maior estimação, pelas repetidas finezas que devemos áquelle illustre cavalheiro, incansavel em nos obsequiar.

A redacção do nosso Boletim foi contemplada com um convite para assistir á inauguração do monumento ao benemerito general marquez de Sá da Bandeira. Reconhecendo a especial distincção com que a patriotica commissão, que mandou erigir aquelle testemunho publico de merecida gratidão, nos quiz honrar, mais lhe agradecemos a sua lembrança, visto que as publicações artisticas nacionaes, por mais modestas que sejam, tambem podem concorrer aos actos publicos em que se preste veneração aos homens que bemmereceram da patria, quando cavalheiros illustrados teem a iniciativa d'estes actos.

Do Estado de Saxe Weimar recebemos uma remessa de 10 livros ácerca da historia e archeologia da antiga fundação da Thuringia, offertados pelo professor doutor Mr. Schafer, da afamada universidade de Iena, vindo augmentar o numero de obras importantes que possui a nossa bibliotheca.

## NOTICIARIO

Pela quarta vez a Sociedade dos artistas francezes distribuiu as recompensas no palacio de Industria em sessão solemne aos 23 de junho, tendo obtido os artistas expositores em architectura subsidio a um artista para se ir aperfeicoar na Italia e na Grecia, uma medalha de 1.<sup>a</sup> classe, quatro de 2.<sup>a</sup> classe, tres de 3.<sup>a</sup> classe, e oito menções, recompensas estas concedidas pelo governo francez.

Em Amsterdam abriu-se concurso internacional para a edificação de uma casa de Commercio. Dos dez projectos julgados os melhores receberá cada artista um premio de 1000 florins. O jury designará depois cinco d'estes architectos laureados para um novo concurso sobre o mesmo programma para definitivo resultado, havendo cinco novos premios de 10:000, 6:000, 5:000, 4:000, 3:000 florins. O jury será composto de 11 membros, entre os quaes haverá 2 architectos neerlandezes, 1 de Bruxellas, 1 de Allemanha, 1 da Austria, 1 de França, onde foi eleito o nosso socio correspondente Paula Séeklé.

No mez de abril descobriu-se uma sepultura gauliza em França. O esqueleto achava-se sobre o fundo de um carro, o qual estava forrado com uma grade de ferro, cujas chapas tinham estrias parallelas para impedir que o guerreiro podesse, durante o combate ou conduzindo o carro, escorregar. Adiante da roda do lado direito d'este carro estava o esqueleto de um javali, vendo-se entre as costellas uma comprida faca de mato, tendo o punho feito de osso com esculpturas.

Em 1849, mr. Auguste Comte, director do *National*, concebeu o plano de um almanach, que, segundo os seus annuncios, devia regenerar o mundo. Vejamos o que mr. Comte imaginou!

O anno devia ser dividido em treze mezes, com um dia complementar ou dois, segundo o anno era commum ou bissexto.

Conservavam-se os nomes dos dias e dos mezes, mas cada mez compunha-se de quatro semanas completas, começando invariablymente á segunda feira, e acabando ao domingo: d'esta maneira de contar resultava o decimo terceiro mez, que se chamava final.

Cada um dos dias, e cada um dos mezes tinha a sua consagração especial e o seu patrono. O anno era dividido em tres grandes épocas, durante as quaes se devia honrar especialmente: a antiguidade, a idade media, e a preparação moderna.

Antiguidade. Janeiro, fevereiro, março, abril e maio.

Janeiro, era consagrado á *theocracia inicial* e dedicado a Moysés. Os patronos dos quatro domingos eram: Numa, Boudha, Confucius e Mahomet.

Fevereiro, consagrado ao *pensamento antigo*, dedicado a Homero. Patronos dos domingos; Eschylo, Phidias, Platão e Virgilio.

Março, consagrado á *philosophia antiga*, dedicado a Aristoteles. Patronos: Thales, Pithagoras, Socrates e Plutarco.

Abril, consagrado á *sciencia antiga*, dedicado a Archimedes. Patronos: Hippocrates, Appollonius, Hipparcus e Plinio, o antigo.

Maio, consagrado á *civilização militar*, dedicado a Cesar. Patronos: Themistocles, Alexandre, Scipião e Trajano.

Idade media.—Junho e julho.

Junho, consagrado ao *catholicismo*, dedicado a S. Paulo. Patronos: Santo Agostinho, Hildebrand, S. Bernardo e Bossuet.

Julho, consagrado á *civilização feudal*, dedicado a Carlos Magno. Patronos: Alfredo, Godefroy, Innocencio III, e S. Luiz.

*Preparação moderna*—Agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro e final.

Agosto, consagrado á *epopeia feudal*, dedicado a Dante. Patronos: Aristoteles, Raphael, Tasso e Milton.

Setembro, consagrado á *industria moderna*, dedicado a Guttemberg. Patronos: Colombo, Vaucansen, Wat e Montgolfier.

Outubro, consagrado ao *drama moderno*, dedicado a Shakespeare. Patronos: Calderon, Corneille, Molière, e Mozart.

Novembro, consagrado á *philosophia moderna*, dedicado a Descartes. Patronos: S. Thomaz d'Aquino, Bacon, Leibnitz, e Heine.

Dezembro, consagrado á *politica moderna*, dedicado a Frederico. Patronos: Guilherme, o taciturno, Richelieu, Cromwell e Luiz XI.

Final, consagrado á *sciencia moderna*, dedicado a Bichat. Patronos: Galileo, Newton, Lavoisier, e Gall.

A segunda-feira era consagrada ao *casamento*; a terça á *paternidade*; a quarta á *fliação*; a quinta á *fraternidade*; a sexta á *domesticidade*; o sabbado á *mulher*, e o domingo á *humanidade*.

O dia *complementar* commum era consagrado á *festa geral dos mortos*.

O dia *adicional* era consagrado á reprovação solenne dos tres principaes retrogados da humanidade: Justino, Filippe II e Napoleão Bonaparte.

Além das consagrações, das dedicações e dos patronos que acabámos de indicar, cada um dos dias, como no calendario gregoriano, estava sob a protecção, não de um santo, mas de um personagem celebre com um titulo qualquer, o que produzia 364 protectores ordinarios e 136 supplementares.

No numero d'estes novos santos figuravam: Hercules, Sapho, Mahomet, Anacreonte, Tibullo, Ovidio, Mario, Boccacio, Rabelais, Carnot, as senhoras de Stael, Lambert, de Lafayette e Roland, lady Montaigne, Voltaire, Diderot, Walpol, Cabanis, Buffon e Goethe.

Consta que mr. Comte, quando concluiu a sua obra, concebeu a ideia de inscrever alguns vivos na sua lista das celebridades dignas de veneração do genero humano.

N'um domingo pensou em entender-se para esse fim com alguns personagens, e o primeiro a quem se dirigiu foi a mr. de Blanville, professor do jardim das Plantas, mas este, apezar das sollicitações e instancias, recusou figurar n'aquelle quadro.

Parece que mr. Comte não proseguiu no seu proposito.

Colhemos estes apontamentos, e aqui os deixamos, sem commentarios, como uma prova de verdadeira excentricidade.

A China occupa uma extensão de 6:410 kilometros em longitude do norte ao sul, sobre 3:064 em largura. Comprehede a China propriamente dita, a Mongolia e a Manchuria e os estados tributarios da Coréa e do Thibet.

Na China, propriamente dita, as cidades principaes são Pekin, Shanghae, Cantão, Amoy, Ning-Po, Foutcheou, Macau.

Na Mongolia: Urga, Ili, Yarkand, Kashgar.

Na Manchuria, da qual uma grande parte ao norte está actualmente sob o dominio russo, Mongden e Saghallen-Oula.

Na Coréa: King-ki-Tao.

No Thibet: Lassa e Ladohk.

As principaes montanhas são: o Altai e o Yablonio, o Thian-Shan, que parte da extremidade occidental do imperio chinéz, atravessa o deserto de Gobi, alcança a cadeia do In-Shau e se estende quasi que até Pekin a éste. O Kuen-Lun parte do Indukusth,

atravessa o Thibet e China propriamente dita. O Kin-Gan vae do norte ao sul e liga o Yablonoi a In-Shau.

Os rios da China são o Amor, ou Saghalien; o Pei-ho que corre a éste de Pekin e se lança no golpho de Petchóli; o Hoangho ou rio Amarello que nasce no Thibet, segue um curso tortuoso atravez da Mongolia e da China propriamente dita, e lança-se no mar Amarello; o Yang-tso-Kiang ou rio Azul, que toma igualmente origem no Thibet, corre do sul para o nordeste, rega a China propriamente dita, e lança-se no oceano Pacifico; o Choes ou Si-Kiang ao sul da China propriamente dita, que corre a éste de Cantão e se lança no golpho do mesmo nome.

Ao centro da China está o grandelago de Tonlinghou, a éste o Poyanghou, no Thibet o Paltet e o Tengri-Nor, no deserto de Gobi o Konkonnor.

As ilhas da China são Hainan, vasta extensão de territorio quasi esteril; Macau, no golpho de Cantão; Hong-Kong, que pertence aos inglezes, e cuja cidade principal é Victoria; Formosa, ilha fertil no oceano Pacifico; ao norte com Tai-Wan por capital; Lon-Chon, ao nordeste de Formosa, capital Napakiang, e Chusan ao sul da embocadura de Yangtse Kiang.

O clima da China é temperado ao norte, quente ao sul. Os frios e os calores são nas diversas estações muito intensos, Os tremores de terra são alli frequentes.

A China é uma monarchia absoluta. O imperador em chinéz Tonng Chi, toma o nome de Filho do Ceo.

Auxilia-o um conselho de estado chamado Tsongli-Yamen composto de seis membros e de muitos ministros.

A religião do povo é o budhismo, anterior dez seculos ao christianismo. O fundamento d'esta doutrina é a successão das creações e das destruições do globo.

Em certos periodos os boudahs, espiritos poderosos e perfeitos, descem sobre a terra, reformam-n'a, transformam-n'a, d'ahi voltam para a sua mansão celeste.

Até agora tem havido quatro d'esses apparecimentos de boudahs. A quinta deve preceder a destruição definitiva do globo. Este ultimo apparecimento está fixado para o anno 4:457 da nossa era. O grande padre do boudhismo é o Tale-Lama ou grande Lama do Thibet, que passa por ser uma encarnação divina.

O imperador e as classes elevadas professam a doutrina de Confucius ou Kungfu Tsi. Toleram-se outras seitas.

A China produz ou fabrica a seda, o algodão, a lã a porcellana, o papel, o vidro, o marfim, o tabaco, o assucar, o ferro, estofos, etc.

Exporta chá, panno, porcellana, rhuibarbo, seda, chales, madeiras, marfim esculpturado, etc.

Importa tecidos de lã, pelles, espelhos, vinhos, opio e muitos artigos europeus.

A população total da China, segundo o recenseamento de 1881, é de 285.000:000.

O exercito chinéz compõe-se, segundo as mais recentes auctoridades, de 678 companhias de mantchus, de 211 companhias de mongols, de 10:600 chinezes, todos montados, e de uma infantaria de 500:000 indigenas. Comprehede, além d'isso, alguns irregulares.

A frota chinéza, segundo a estatistica de 1882, comprehende 60 navios com 300 peças. N'estes ultimos tempos, a marinha militar da China augmentou-se com muitas canhoneiras construidas na Europa e principalmente na Inglaterra.

# NECROLOGIA

## O CONSELHEIRO JOÃO MARIA FEIJÓO

No dia 5 de julho do presente anno, finou-se o ex.<sup>m</sup> sr. Conselheiro João Maria Feijóo em avançada idade, causando este triste acontecimento bastante magoa a todas as pessoas que tinham tido a fortuna de conhecer tão respeitavel ancião, e muito principalmente aos seus amigos e consocios que tanto o prezavam pelo seu saber e excellentes qualidades.

Dedicou-se primeiramente aos estudos militares com grande distincção, e foi depois por muitos annos Lente na Escola do Exercito de Lisboa, como *Director d'estudos da secção de sciencias de construcção*, onde grangeou a veneração dos estudantes militares pela sua affabilidade e pelo zeloso empenho de lhes proporcionar o maximo conhecimento no curso de que era digno professor.

No anno de 1842 foi preferido pelo municipio da capital para tomar a inspecção dos incendios, onde adoptou pela sua superior intelligencia, actividade e zelo acertadas providencias n'este importante serviço publico; porém, annos depois resignou este emprego por um brioso comportamento.

Tendo vagado o lugar de professor na antiga escola de architectura civil na aula dos Caetanos, foi nomeado para exercer esta cadeira, e ahi patenteou possuir os precisos conhecimentos n'este especial ensino, aliás pouco vulgar nas pessoas que se dedicam aos ramos scientificos militares, ás quaes são muito mais necessarios outros para exercerem a carreira a que pertencem: havendo tido o sr. Conselheiro Feijóo no exercicio do ensino de architectura civil a satisfação de habilitar muitos noveis architectos civis, que ainda hoje se distinguem pelos seus trabalhos na sua nobre profissão.

Havendo nós fundado a Associação dos Architectos Civis Portuguezes em 1863, depois da organisação d'esta sociedade com os socios architectos que convidámos para este fim, resolvemos admittir no numero dos membros fundadores tão distincto professor da especialidade. Foi portanto o sr. João Maria Feijóo considerado um dos socios fundadores como em testemunho que esta Associação lhe dava, reconhecendo-lhe o seu saber architectonico.

Na criação d'esta Associação foi eleito vice-presidente, lugar que occupou até ao seu fallecimento; exercendo tambem o de presidente nos annos de 1867 e 1868. Era um dos socios que mais se interessava pelo desenvolvimento d'esta Associação, auxiliando-a com a sua illustração e assiduidade nos mais importantes trabalhos que temos emprehendido.

Na sessão solemne de 1877, apresentou este insigne socio uma notavel memoria ácerca da construcção primitiva das abobadas do edificio monumental de Alcobaça, na qual assignalava o subido gráo de merecimento n'esta remota construcção por ter sido o primitivo trabalho executado por aquelle modo em Portugal. A maneira lucida e a mestria da descripção scientifica d'essa dissertação, mais uma vez manifestaram seu profundo saber no ramo da construcção civil; recebendo pela mesma memoria merecidos louvores e applausos dos seus consocios e do auditorio que assistia á sessão solemne d'esta Associação. Em attenção por um tão instructivo trabalho architectonico, tivemos a honra de propor este distincto socio para ser laureado com uma medalha de prata, que lhe foi unanimemente conferida, recebendo esse bem merecido premio das mãos do nosso Augusto Presidente Perpetuo e Protector S. M. El-Rei O Senhor D. Fernando na sessão publica de 16 de julho de 1878.

Quando alguem se faz notar no seu paiz por superiores conhecimentos scientificos e adquire por distinctos serviços artisticos a estima e veneração, não só dos seus confrades, mas tambem de todas as pessoas illustradas, é sem duvida o seu passamento recebido sempre com grande pezar, deplorando-se como deploramos a respeito do conselheiro Feijóo a perda de um cidadão prestante, de um brioso militar, de um cultor desvelado de um dos ramos mais considerados das Bellas-Artes. Foi pois com profunda consternação que os socios da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes soffreram a dolorosa separação de um tão prezadissimo collega: será a sua memoria conservada sempre com ufanía para Portugal, fará tambem proclamar o seu nome com veneração por todos que souberam avaliar o verdadeiro merito, e não olvidam os relevantes serviços dos distinctos architectos.

J. POSSIDONIO DA SILVA.